

auto-acusação



bárbara paz

Morri dia 25 de dezembro de 1992,
Num chevet branco ao som de Erotica de Madonna.

Nao gosto daquelas pessoas que acordam sempre felizes. Aquelas que postam fotos sorrindo . Como se o mundo inteiro fosse feliz.

Odeio Natal. 434 pontos , espessura.- tamanho . pó de vidro . Rasgo . Corte . Fratura . Exposta . Dentes , mandíbula. Reza, alcool, lésbicas? -adolescentes :gêmeas,

Musica . Natal . Livro .. Vestido branco . -Era pêssego que eu comia .

Ela nao quis dormir na casa dele. Pediu o carro.

17 anos.

traumatismo craniano .perda da consciência/desmaio;dor de cabeça intensa;sangramento na cabeça, pela boca, pelo nariz ou pelo ouvido;diminuição da força muscular;sonolência;dificuldade na fala;alterações a visão e na audição;perda da memória;

Tento medir o tamanho . Rasgo de orelha direita ate a boca . Pele suspensa por um nervo . Dentes expostos .

Do lado esquerdo . Rasgo do olho até a boca . Pó de vidro . Musica .

Raio x.

Vamos rezar um novena .

Ela perdeu a mãe , não não tem pai . Morreu também . Diz que é modelo .

Não para de falar . Tagarela. Ela precisa parar para não rasgar mais a pele. Morfina. 'A morfina é um fármaco narcótico de alto poder analgésico usado para aliviar dores severas. Pertencente ao grupo dos opioides, foi isolado pela primeira vez em 1804 por Friedrich Sertürner, que começou a distribuir a droga em 1817.'

Estou com muito sono , mas não vou parar de dar o depoimento . Pode ligar para 597-1595 não! não tem

ninguém .. liga para o ..Sr. Gonzales em Novo Hamburgo . Ele é médico. Pai das meninas .

que horas são ?

Bebi . Tomei um porre . Champanhe .

Posso te contar uma coisa ?

Nasci ao som de Rebel Rebel de David Bowie em 1974

Ano que tocava Eagles, Linda Rostad, Rollin Stones, Gloria Syanor com Never say Goodbye , George MacCrace com Rock you baby , Nazareth com Love hurts ...Queen, Killer Queen, Bob Marley ,com No women no cry , Gita de Raul Seixas...Roberto Carlos , Clara Nunes , Secos e molhados .e Jair Rodrigues

S=Dont let the sun go down on me .. and Good Bye Yellow Brick road..by Elton John(na lista das mais

tocadas) ..1974 ..

-coca-cola tem?

Ela só lembra com um copo bem gelado de coca .

-você pode não sorrir?

-não consigo ...

-mas é que tem vidro no seu rosto ..

-mais é que é muito engraçado ..

-não tem coca no hospital ?

-é que hoje é feriado , é Natal .

- e não tem coca ?

I died on December 25, 1992,

In a white chevet to the sound of Erotica by Madonna.

I don't like those people who always wake up happy. Those who post photos smiling. As if the whole world was happy.

. I hate Christmas. 434 points, thickness.-size. glass powder. Tear. Cut . Fracture. Exposed. Teeth, jaw. Pray, alcohol, lesbians? -teenagers: twins,

Music . Christmas . Book .. White dress . -It was peaches that I ate.

She didn't want to sleep at his house. She asked for the car.

17 years.

head trauma. loss of consciousness/fainting; intense headache; bleeding from the head, mouth, nose or ear;

decreased muscle strength; drowsiness; difficulty speaking; changes in vision and hearing; memory loss;

I try to measure the size. Tear from right ear to mouth. Skin suspended by a nerve. Exposed teeth. On the left side

. Tear from the eye to the mouth. Glass dust. Music .

X-ray.

Let's pray a novena.

She lost her mother, she doesn't have a father. She died too. She says she is a model.

Does not stop talking . Chatterbox. She needs to stop so she doesn't tear the skin anymore. Morphine. 'Morphine is a narcotic drug with high analgesic power used to relieve severe pain. Belonging to the group of opioids, it was isolated for the first time in 1804 by Friedrich Sertürner, who began distributing the drug in 1817.'

I'm very sleepy, but I'm not going to stop giving my statement. You can call 597-1595 no! There's no one...call...Mr.

Gonzales in Novo Hamburgo. He is a doctor. Father of the girls.

what time is it ?

I drank. I got drunk. Champagne.

Can I tell you something ?

I was born to the sound of Rebel Rebel by David Bowie in 1974

The year he played Eagles, Linda Rostad, Rollin Stones, Gloria Syanor with Never say Goodbye, George MacCrace with Rock you baby, Nazareth with Love hurts...Queen, Killer Queen, Bob Marley, with No women no cry, Gita by Raul Seixas...Roberto Carlos, Clara Nunes, Dry and Wet. and Jair Rodrigues

S=Dont let the sun go down on me .. and Good Bye Yellow Brick road..by Elton John(on the most played list)

..1974 ..

-Do you have Coca-Cola?

She only wakes up with a very cold glass of coke.

-Can you not smile?

-I am unable ...

-But there's glass in your face...

-but it's very funny..

-Isn't there coke in the hospital?

-It's just that today is a holiday, it's Christmas.

- and there's no coke?



A



B



C



D



D



D



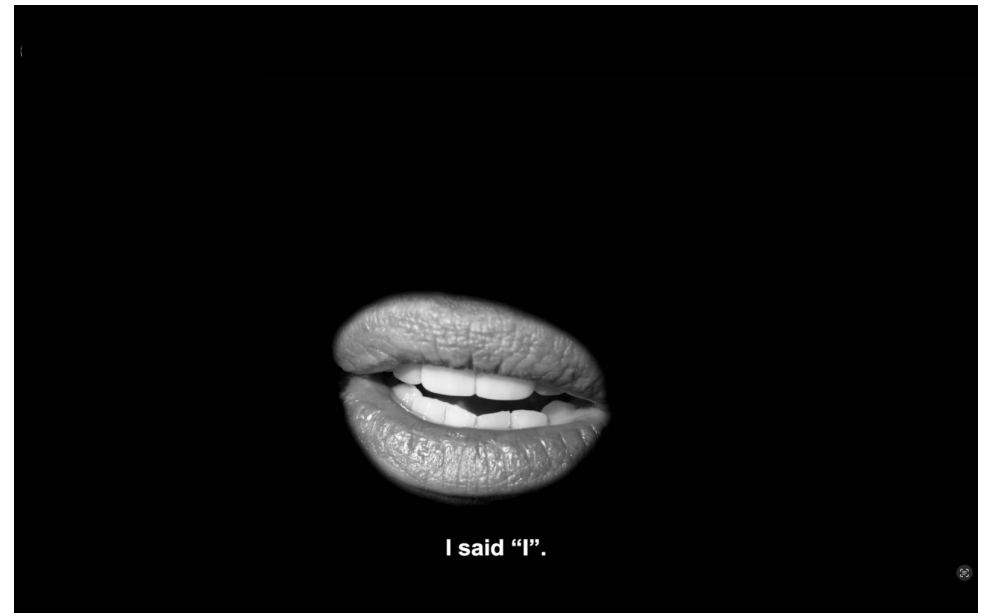
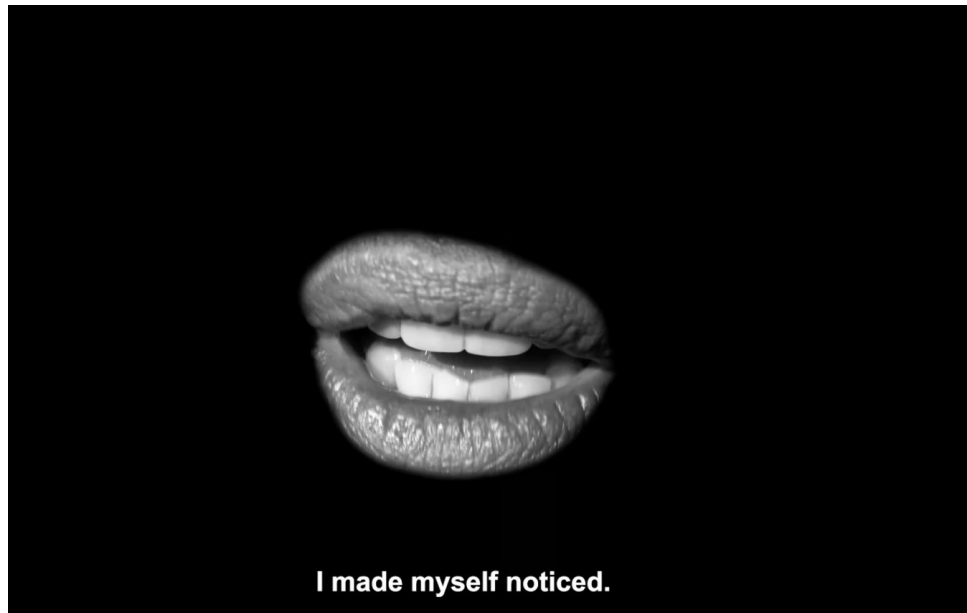
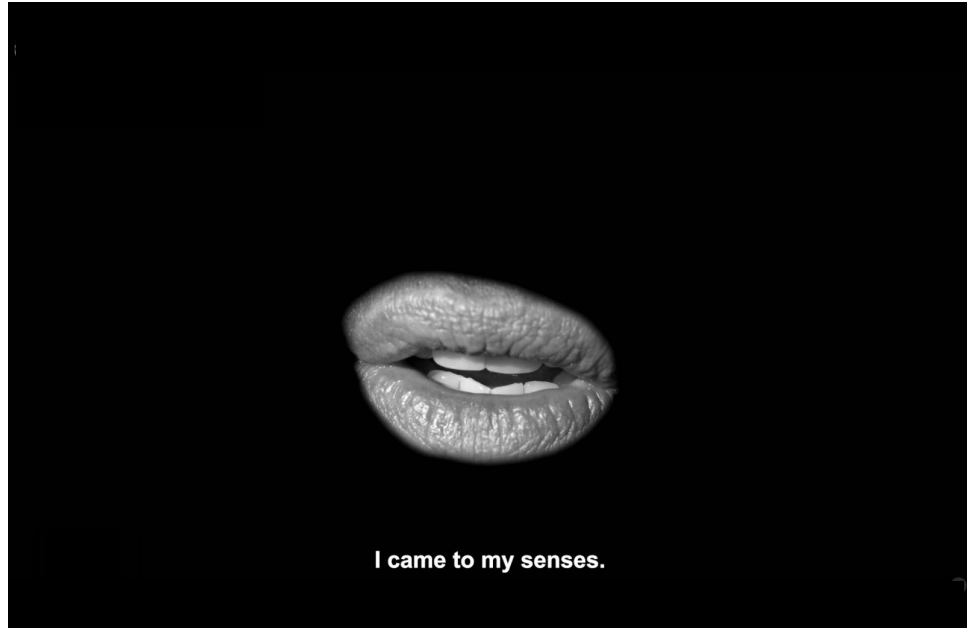
D



A



A



E

E



G

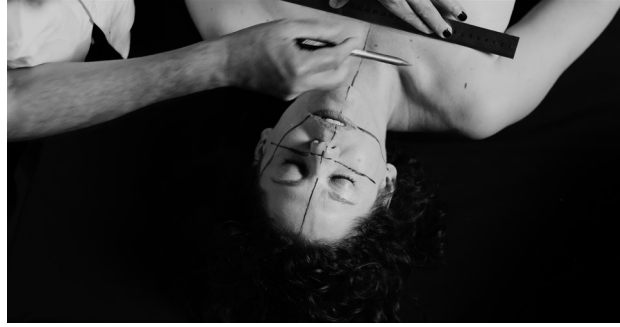


F

F



H



H





J

J



K



L



L

Bárbara e seu coletivo de indivíduos, rasgado, escancarado, do avesso. Quais as fronteiras demarcadas por cada indivíduo em seu ser-estar no mundo? Que acontecimentos nos atravessam, nos marcam, nos fazem sangrar até que essas fronteiras se desmanchem e tudo se torne um único território?

Seu corpo, seu rosto e cada pedaço de seu ser mais absoluto como um território político: tudo acontece e é comunicado. Um corpo que imprime no fora o rasgar constante. Um corpo que imprime no dentro o rasgar profundo.

É preciso desarmar os fragmentos de mundos entre si e em si mesmos para que a ebulição aconteça e permita esse diálogo entre corpo, terra e alma. É preciso chegar perto, olhar minuciosamente os poros e costurar com linhas invisíveis. É preciso cicatrizar – ou não.

Uma escolha sobreposta por outra em uma pluralidade potente e dilacerante.

Algumas fecham por completo, outras insistem em abrir vez ou outra, nos lembrando ainda mais que existem. Uma ferida escancarada com uma casquinha que nunca sai. Têm as cicatrizes que rasgam, que expõem pedaços obscuros do que foi. Atravessam as múltiplas camadas de pele e nos deixam em carne-viva. Mesmo em forma de cicatriz continuam jorrando história. Continuam escancarando um passado. Uma cicatriz é sempre um passado e um presente. Mesmo que ainda pulse internamente, foi e é. Carregamos junto da gente. A paisagem carrega junto dela. Cada uma tem seu começo, meio e fim.

Existe a diferença entre ser e ter sido. E se apropriar da própria história. E ela faz isso todos os dias, em todos os campos da arte em que transita. Não são “eus” desconectados que habitam a performance, a câmera, a voz, a imagem em movimento, a fotografia. O choro veio pelo eu atriz, a dor e as entranhas, pelo eu real. Um atravessar intermitente.

Há a Bárbara em carne-viva aqui. Sem a fantasia da máscara e com a verdade de suas cicatrizes. Impressas em seu corpo. Impressas em seu acontecer. Em cada uma das obras – instalações, fotografias, vídeos e palavras – expostas em sua primeira individual “Auto-acusação”, na Galeria Fonte, o medo de ser a Barbara é movente. Enquanto transmuta, suas memórias se ativam. De outros mundos, com outras criaturas. Enquanto sangra, suas memórias se prolongam. Enquanto rasga, escorre pó de vidro por sua corrente sanguínea.

Um vestígio de pele na própria pele. Narrativas sobre um corpo. Rasgos que se multiplicam, se transformam, se proliferam e voltam a rasgar. Choram, soluçam, pulsam. Memórias cravadas na pele. na casa. na paisagem. Morte. Fim. Luto. Nascer. Começo. Festa. Uma nova camada se forma. O começo é o singular. Nascemos e morremos no eu absoluto. Transitar pela terra em um mundo que não o reverbere, amedronta. Mas sim, habitar este eu na dor, no trauma e nas entranhas, exige coragem. Uma história pessoal contada através da imagem corre perigo.

Aos 17 anos, seu rosto se partiu em dois. Uma fenda de pele atravessou seu eu. Sua cicatriz a fez mergulhar na imperfeição. 434 pontos na tentativa de se esconder do espelho e do outro. Durante anos evitou o mais bonito em sua pele. Durante anos, sua verdade se mascarou.

“Me refiz conforme eu fiz; consegui me disfarçar, me esconder.” disse a cicatriz.

“Um fio segurou minhas metades. Um nervo manteve minhas partes. Decidi não tirar essa marca. Quem sou eu? Fiquei com medo de mim sem ela. Um vaso quebrado.” Bárbara Paz

Cassiana Der Haroutiounian
Auto-acusação



M



M



M



M



M

M





M



M





M



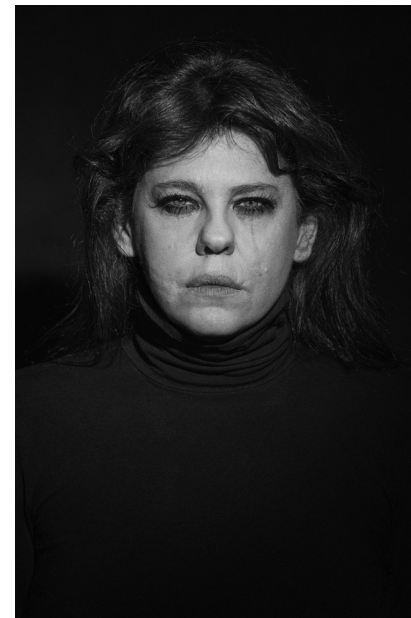
M



M



M



N



O



PAZ, Barbara Raquel "PAET"
Rua Santa Teresinha nº 295 Campo Bom.
D.N. 1700734 Fone: 5971251.
Profissão: modelo. Manequim
28/12/92: Cirurgia facio (ocelista) cirurgia em
25/12/97: - Sutura de infra-orbitária e de orelha
- cirurgia e pi. labio sup. D. - Fratura punho E.
Foto PD em 06/01 - Olho Rm Margato + F. Hise Solar
Microscopia:
12/01/83: Cirurgia ciliar -

O

Auto-Acusação

Nas obras reunidas em *Auto-acusação*, a artista Bárbara Paz nos apresenta uma sequencia de elaborações ao redor das cicatrizes – reais e simbólicas – provenientes de um grave acidente de automóvel que sofreu quando era ainda muito jovem, no qual subitamente viu a sua vida por um fio. Neste processo de elaboração, contudo, Paz não busca reconstituir por inteiro ou mimetizar sua experiência traumática do passado como de fato foi, mas antes lida com os cacos, as reminiscências, as imagens fragmentadas que povoam sua memória daquele evento.

Enquanto a obra *Aquela menina* (1992) nos apresenta slides da época do acidente, o restante dos trabalhos hoje exibidos foi produzido três décadas depois. Partindo de um emaranhado de fios de passado, Paz tece um enredo que excede dados unicamente autobiográficos, resultando em imagens a um só tempo poéticas e atravessadas por uma violência latente. O gesto da artista nos diz que nunca lembramos do passado como de fato foi, afinal a memória é uma engrenagem que fabula, constrói, edita, adiciona. Assim, para cuidar de uma ferida aberta do passado não se trata de remontar os fatos, mas antes fazer uso da natureza ficcional própria da lembrança com vias a resignificar o que passou – como que lembrando que o futuro só pode existir no momento em que o passado deixar de passar. Assim, as imagens criadas por Paz são imbuídas de um caráter tanto opaco quanto lacunar, constitutivos das operações de memória que não buscam restituir uma totalidade, mas sim operar por meio de fragmentos.

São estilhaços do acidente traumático que comparecem, por sua vez, no vídeo *Festa de Natal* (2023) e na fotografia *A montanha com o peso nas costas* (2023). Enquanto a matéria que a feriu – o vidro – surge nestas obras, os elementos que participaram de sua cicatrização, como gaze, fios de sutura, soro e ataduras, são desvelados em uma série de outros trabalhos, como no tríptico de fotografias *Sem título* (2023), e também em *Soro de atriz* (2023) e *A mulher com soro* (2023).

**

A pele não é apenas a aparência enganosa das coisas, mas, como na conhecida asserção de Paul Valéry¹, aquilo que há de mais profundo. Nesta membrana que separa interior e exterior residem as marcas por onde se desvelam os entrecruzamentos entre passado e presente. A superfície epidérmica da artista é marcada e submetida a medições no vídeo *De-marcação* (2023), fracionada em eixos de simetria e linhas de rasura, que remetem a uma antropometria científica. Seus trabalhos operam sobre e a partir de seu próprio corpo, visto não apenas como um organismo biológico, mas como uma matéria embebida em história.

Ao longo da exposição fica nítido o caráter multidisciplinar da artista cuja atividade se dá, também e sobretudo, como atriz e diretora. Assim, nos deparamos aqui com uma espécie de limiar entre ficção e realidade, dramaturgia e relato. Em alguns dos seus gestos performáticos, Paz desempenha atividades que colocam sua própria integridade física em risco, de modo a romper com a ilusão especular. Ao afirmarem um corpo carnal, palpável, finito, suas obras se distanciam da idealização característica dos paradigmas clássicos de representação. Estes paradigmas ideias, cabe lembrar, incidiram especialmente sobre a imagem do corpo feminino. Nesse ponto, não nos parece enganoso pensar em conexões entre os trabalhos hoje reunidos e toda uma produção contemporânea que remonta aos anos de 1960, quando experimentações relacionadas à *body art* e à performance tornaram o corpo matéria de expressão plástica.

Neste contexto, confrontando um imaginário idealizador que se impunha aos corpos femininos, uma série de artistas mulheres despontaram como personagens centrais. No Brasil, nomes como Sônia Andrade, Leticia Parente e Anna Maria Maiolino realizavam então performances pioneiras diante de câmeras de vídeo ou de fotografia, nas quais submetiam seus próprios corpos a violências potenciais, como que emulando no território privado do corpo uma violência maior que se dava no tecido social e coletivo do país com a Ditadura Militar em vigência.

No vídeo *Auto-acusação* (2023), que dá título à mostra, Paz faz referência aos anos 1960 ao prestar tributo ao dramaturgo austríaco Peter Handke. Na peça homônima ao vídeo, escrita em 1965, o autor buscava conscientizar os espectadores sobre a artificialidade da dramaturgia, de modo a romper com os paradigmas ilusionistas do teatro clássico. Se o texto de Handke foi pensado para dispensar o uso de cenários e reduzir ao máximo os elementos cênicos, o vídeo da artista opera de acordo com uma economia dos meios. Vemos apenas o contorno dos seus lábios, que se tornam elementos quase abstratos e podem nos fazer entrever uma ferida aberta. Já a boca destacada da artista-atriz declama o texto da peça em meio a escuridão. Note que a peça foi concebida em primeira pessoa, de modo a borrar as fronteiras entre personagem e ator. Tal diluição dos limites ganha outros significados no interior da poética de Paz, que também opera no limiar entre dados biográficos e ficção. Objeto central da exposição, o corpo da artista surge por vezes como uma matéria finita e frágil, submetida a atos de violência iminente, como quando os cacos de um espelho pressionam seu rosto no vídeo *Silêncio* (2023). Desferidos pela própria artista, esses atos chegam ao limiar de violarem a superfície de sua pele, como se buscassem reencenar o momento trágico do acidente. Ao mesmo tempo, o espelho desempenha um papel singular no interior de sua pesquisa, aparecendo como um elemento simultaneamente cortante e totalizador. É através do espelho que temos uma visão íntegra de nós mesmo, sem tal recurso veríamos somente fragmentos do nosso corpo.

Já o rosto, alvo maior do acidente sofrido por Paz, possui um lugar central para definir aquilo que é singular em cada um de nós, sendo a morada pela qual expressamos desejos, medos, gozos, raivas, toda uma miríade de afetos que encontram ali a via pela qual endereçamos o que sentimos ao olhar do outro. Assim, a mutilação consequente do desastre automobilístico pode ser vista como um fato que, no limite, colocou sua própria identidade em questão. Não por acaso na série de fotografias *Cabelos* (2023) a vemos camuflando o rosto, em um jogo que se equilibra entre revelar e esconder, deixar ver e encobrir.

Os cabelos, que de algum modo a protegem do caráter invasivo do olhar alheio, podem ser vistos como uma multiplicidade de fios. Sendo os fios, por sua vez, um elemento recorrente da exposição. Na fotografia *Ponto de sutura* (2023), vemos sua mão sendo sutilmente costurada. Aqui, se dá um diálogo entre o fio teso que encena a cicatrização e as linhas da palma da mão. Linhas/desenhos que podem, para alguns, trazer pistas sobre o tempo futuro, como que indicando o oposto dos vestígios presentes nas cicatrizes – traços que manifestam o modo pelo qual o passado deixou suas marcas na paisagem visível da pele.

**

Walter Benjamin nos recorda que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo `como ele de fato foi´. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”². As palavras do filósofo judeu, dedicadas a repensar a relação com a história num sentido amplo, podem ser transpostas para o curso da estória de uma vida. No limite, em “Auto-acusação” Bárbara Paz se apropria da memória de um evento traumático que teria todos as chances de lhe legar um presente paralisado com vias a construir, tecendo o fio que liga fato e fabulação, um futuro diverso daquele que os estilhaços do acidente pareciam lhe designar.

Luisa Duarte, Maio de 2024

^[1] VALÉRY, Paul. Idée Fixe. Nova Iorque: Pantheon Books, 1965.

^[2] BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: Obras escolhidas – V. I, P. 224

Self-Accusation

In the works brought together in *Self-accusation*, artist Bárbara Paz presents us with a sequence of elaborations around scars – real and symbolic – from a serious car accident she experienced when she was still very young, in which she suddenly saw her life hanging by a thread. In this process of elaboration, however, Paz does not to seek to entirely reconstruct or replicate her traumatic past experience as it actually was, but rather deal with the pieces, reminiscences, fragmented images that populate her memory of the event.

While the work *Aquela menina* [That girl] (1992) presents us with slides from the time of the accident, the rest of the works exhibited today were produced three decades later. From a tangle of past threads, Paz weaves a plot that goes beyond solely autobiographical details, resulting in images that are at once poetic and characterised by a latent violence. The artist’s gesture tells us that we never remember the past as it actually was, since memory is a mechanism that fabricates, constructs, edits and adds. Consequently, taking care of an open wound from the past is not about establishing facts, but rather making use of the fictional nature of memory itself in order to re-signify what happened – as if remembering that the future can only exist when the past is no longer. The images Paz creates are therefore imbued with an opaqueness and lacunosity, components of remembering that do not seek to restore a totality, but rather operate by means of fragments.

Shards of the traumatic accident appear, for example, in the video *Festa de Natal* [Christmas Party] (2023) and in the photograph *A montanha com o peso nas costas* [The mountain with the weight on its shoulders] (2023). While the matter that injured her – glass – shows up in these works, the elements that participated in her healing, such as gauze, surgical suture, saline and bandages, are revealed in a series of other works, like in the triptych of photographs *Untitled* (2023), and also in *Soro de atriz* [Actress saline] (2023) and *A mulher com soro* [Woman with a drip] (2023).

**

Skin is not only the misleading appearance of things, but rather, as Paul Valéry famously asserts,¹ ‘the deepest thing’ in the human being. This membrane that separates interior and exterior contains marks that reveal intersections between past and present. The epidermal surface of the artist is marked and subjected to measurements in the video *De-marcação* [De-marcation] (2023), fragmented in axes of symmetry and crossings-out, which evoke a scientific anthropometry. Her works operate on and from her own body, seen not merely as a biological organism but as a matter steeped in history.

Over the course of the exhibition the multidisciplinary nature of the artist, who is also, more frequently, an actress and director, becomes clear. Thus, we come across a kind of threshold between fiction and reality, dramaturgy and report. In some of her performative gestures, Paz carries out activities that put her own physical integrity at risk, in order to break with specular illusion. By affirming a carnal, palpable, finite body, her works distance themselves from the typical idealisation of classical paradigms of representation. These ideas/paradigms, it is worth noting, focus in particular on the image of the female body. Thus, we believe it is pertinent to consider connections between the works brought together today and a contemporary production that dates back to the 1960s, when experimentation related to body art and performance made the body the matter of visual expression.

In this context, confronting an idealising imagery imposed on female bodies, a series of women artists emerged as key figures. In Brazil, names like Sônia Andrade, Letícia Parente and Anna Maria Maiolino produced ground-breaking performances recorded in photos and on video, in which they subjected their own bodies to potential violence, as if emulating in the private territory of the body a larger violence that was taking place in the social and collective fabric of the country with the military dictatorship in place.

¹VALÉRY, Paul. *Idée Fixe*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1965.

In the video *Auto-acusação* [Self-accusation] (2023), which gives the exhibition its title, Paz references the 1960s by paying tribute to Austrian playwright Peter Handke. In the play of the same name, written in 1965, the latter sought to make spectators aware of the artificiality of theatre, in order to break with the illusionary paradigms of classical dramaturgy. While Handke’s text was conceived to dispense with sets and reduce scenic elements as much as possible, the artist’s video also operates according to an economy of means. We see only the outline of her lips, which become almost abstract elements and remind us of an open wound. The detached mouth of the actress-artist recites the text of the play in darkness. Note that the play was written in first person, in order to blur the boundaries between character and actor. This dissolution of limits takes on other meanings in Paz’s poetics, which also operate on the limit between biographical details and fiction.

A central object in the exhibition, the artist’s body sometimes appears as a finite and fragile material, subjected to acts of imminent violence, like when shards of a mirror press into her face in the video *Silêncio* [Silence] (2023). Carried out by the artist herself, these acts verge on violating the surface of her skin, as if they seek to re-enact the tragic moment of the accident. At the same time, the mirror plays a singular role in her research, appearing as a simultaneously cutting and totalising element. It is through using a mirror that we are able to view ourselves fully; without this resource we would only see fragments of our body.

The face, on the other hand, the body part most impacted by Paz’s accident, plays a central role in defining what is unique in each of us, being the means through which desires, fears, pleasure, anger, a whole myriad of emotions find expression before the eyes of the other. Thus, the mutilation resulting from the car crash can be seen as something that ultimately called into question her own identity. It is no coincidence that in the series of photographs *Cabelos* [Hair] (2023) her face is camouflaged, oscillating between revealing and hiding, showing and covering.

Her hair, which somehow protects her from the invasive nature of the other’s gaze, can be seen as a multiplicity of threads. Threads, in turn, are a recurring theme of the exhibition. In the photograph *Ponto de sutura* [Stitch] (2023), we see her hand being subtly stitched together. Here, there is a dialogue between the taut thread that enacts the scarring and the lines of the artist’s palm. Lines/patterns that can, for some, bring clues about the future, as if indicating the opposite of the signs present in scars – traces that show how the past left its marks on the visible landscape of the skin.

**

Walter Benjamin reminds us that ‘to articulate the past historically does not mean to recognize it “the way it really was”. It means to seize hold of a memory as it flashes up at a moment of danger.’² The words of the Jewish philosopher, dedicated to rethinking our relationship with history in a broad sense, can be applied to the course of a life story. Ultimately, in ‘Self-accusation’ Bárbara Paz appropriates the memory of a traumatic event that had every likelihood of leaving her a paralysed present in order to construct, weaving the thread connecting fact and fabrication, a different future from the one the shards of the accident seemed to assign her.

Luisa Duarte, May 2024

²BENJAMIN, Walter (Trad. Harry Zohn) Theses on the Philosophy of History In: *Illuminations*, p. 247

legendas

A. PONTOS DE SUTURA, 2023

90x60

Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

B. SORO DE ATRIZ, 2023

30x45

Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

Base líquida , ponto de sutura , atadura

(Solução de cloreto de sódio a 0,9%)

Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

C. A MULHER COM SORO

1.06 x 160

Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

D. SEM TÍTULO, 2023

60 X 40

Trípico

Impressão de jato de tinta pigmentado sobre papel algodão

E. AUTO-ACUSAÇÃO, 2023

Texto: Peter Handke

Videoart

Red Komodo - Zeiss lens

20'

F. Silêncio, 2023

Videoart,

Red Komodo - Zeiss lens

3'47

G. SILÊNCIO, 2023

Videoart,

Red Komodo - Zeiss lens

3'47

H. DE-MARCAÇÃO

Videoart, 2023

Red Komodo - Zeiss lens

4min

I. SEM TÍTULO, 2023

60 x 40cm

Trípico

Impressão em jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

J. MORFINA, 2023

Bse líquida

Videoart

Red Komodo - Zeiss lens

7'42''

K. A MONTANHA COM O PESO NAS COSTAS, 2023

60x40

90x60

Vidros/Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

L. FESTA DE NATAL, 2023

Videoart

Red Komodo - Zeiss lens

1'46''

M. CABELOS, 2023

13 Fotos

30x45 - cada

Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão cabelos

N. AUTO-RETRATO, 2023

20x30

Impressão em Jato de tinta pigmentado sobre papel de algodão

O. AQUELA MENINA, 1992

Papel fotográfico glossy

18 x 10,22cm

24 x 13,5cm

